

NÃO FALE POR MIM: ENTRE A NEGAÇÃO E A MEMÓRIA

Aline Fatima Moi¹

Erica Lima²

Percurso inicial

O presente texto apresenta um movimento de análise sobre o funcionamento do discurso religioso materializado na publicação “Um vídeo de repúdio ao Movimento Feminista”, no qual circulam dizeres sobre a mulher. Em nosso movimento analítico, adotamos a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso Francesa que tem por base a teoria proposta por Michel Pêcheux, na França e Eni Orlandi, no Brasil por entendermos que nessa perspectiva “[...] procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (Orlandi, 2015. p.15). Como aponta a autora, o discurso é produção de efeitos de sentido, constituídos na linguagem, na qual se manifesta a Ideologia. Essa noção de discurso orientou o nosso olhar para uma formulação que produz efeitos de sentido sobre o corpo feminino, os quais comportam a relação entre Linguagem e Ideologia, a partir da noção de Memória Discursiva.

Igreja Cristã Evangélica Povo da Cruz: sustentáculo de um discurso Antifeminista

Comandada pelo Pastor Dinho Souza, essa instituição religiosa se apresenta nas mídias sociais como “uma Igreja Evangélica que nasceu com o propósito único de comunicar o evangelho de Cristo de maneira simples e singular, onde os dogmas religiosos impostos por homens são substituídos por princípios éticos e morais do evangelho de Cristo. É uma Igreja que se considera singular, um lugar perfeito para pessoas imperfeitas e propaga que a liberdade que Cristo deu ao homem é para ser vivida de maneira racional e responsável.

Em sua página do Instagram está publicado, no dia 27 de março de 2023, um vídeo que apresenta uma mensagem das mulheres dessa Igreja, em repúdio às pautas do movimento Feminista. Essa mensagem é apresentada a partir de uma “palavra de ordem” que entrelaça dizeres para/sobre a mulher, a partir de uma posição cristã e Antifeminista³. Os dizeres que constituem esse vídeo podem ser observados a seguir:

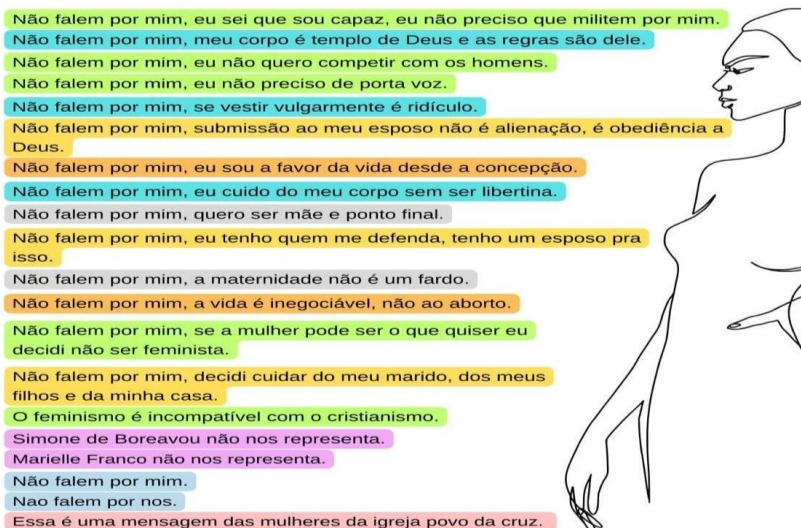
¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós Graduação em Letras da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), campus de Cascavel.

² Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós Graduação em Letras da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), campus de Cascavel.

³ Vídeo completo disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CqS8ILLAKz5/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Imagem 01

Título: UM VÍDEO DE REPÚDIO AO MOVIMENTO FEMINISTA



- TEMAS**
- Aborto
 - Antifeminismo
 - Corpo
 - Ícones feministas
 - Maternidade
 - Palavras de ordem
 - Submissão
 - Identidade

Fonte: as autoras, 2023.

O leito sobre o qual emerge o discurso

Nosso gesto de análise, neste trabalho, apresenta uma Sequência Discursiva (SD) que diz sobre o corpo feminino, a partir do que preconiza o discurso religioso cristão. Para analisarmos a constituição e a formulação da SD nos amparamos na percepção de Orlandi (1987) sobre a Igreja porque esse o espaço institucional é marcado por discursividades que, a partir de práticas religiosas, orientam o comportamento humano.

A Igreja é um lugar de enunciação onde circulam sentidos, inscritos na/pela Memória Discursiva, a respeito da relação Divino/Humano. De acordo com a autora, o homem tenta preencher com palavras um lugar na religião que é designado como o espaço da “onipotência do silêncio de Deus”. A essa tentativa dá-se o nome de “vida espiritual”, já que o homem institui a sua fala em um lugar de ordem divina. É nesse lugar que o homem constrói a sua espiritualidade e a constitui (Orlandi, 1987, p. 07 e 08).

Nesse sentido, Assis (2019) afirma que o discurso religioso sustenta a “diferença entre o plano espiritual e o plano terreno, mostrando, assim, a superioridade da Força Maior que centraliza esse tipo de discurso, no caso, a figura de Deus”. Essa discursividade sustenta estruturas socialmente hierarquizadas que representam um ideal de normalidade, como está representado na imagem abaixo:

Imagem 02



Fonte: Google imagens, 2023.

Esse discurso, propagado nas Igrejas, tem consistência para os fiéis e ganha força porque provém de um Ser Superior e está registrado na Bíblia: o Livro Sagrado. Mesmo que sejam produzidas por homens, nas instituições religiosas elas são consideradas “a palavra de Deus”. Assim, de acordo com Assis (2019, p. 15),

parece que a Igreja oferece os mecanismos para que o fiel possa se comunicar com Deus, mas espera que esse devoto possa recompensar esse contato, agindo em conformidade com os preceitos dessa instituição. Por isso, o discurso religioso é tão enfático em justificar suas atitudes e doutrinas com a Sagrada Escritura, para que, dessa forma, o fiel perceba que é Deus quem impõe tais ideias, e que Ele espera que o devoto o atenda e o respeite.

Em relação às regulamentações impostas pela religião e instituídas na voz de Deus, nos deparamos com um movimento denominado Antifeminismo. Para entendê-lo é importante retomar, primeiramente, a constituição do movimento que ele renega: o Feminismo. O Movimento Feminista surgiu no século XIX caracterizado pela reivindicação do voto feminino e pelo acesso à educação igualitária. Pinto (2010) destaca que o início do Feminismo foi instaurado quando as mulheres se organizaram para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Com o tempo, passou a abordar, também, outras temáticas como os direitos reprodutivos da mulher, a sexualidade, o prazer feminino, a violência doméstica, a equiparação salarial entre homens e mulheres e a inserção das mulheres em campos da sociedade como: mercado de trabalho, universidades, política, cargos de liderança, entre outros. O Feminismo começou a lutar pela liberdade das mulheres. Pinto (2010) afirma que o movimento “não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo” (Pinto, 2010, p.16).

No entanto, apesar das lutas do movimento Feminista pela equidade de gênero e pela emancipação da mulher, persiste um contra movimento que refuta essas bandeiras. Cruz e Dias (2015) afirmam que, no Brasil, o Antifeminismo ganhou força através dos discursos em relação a família cristã brasileira, que com base em críticas, preconceitos e intolerâncias tentam restringir as reivindicações feitas pelo Feminismo que procuram alcançar as minorias da sociedade, como mulheres, homossexuais, negros, etc. As autoras destacam que existem vários grupos distintos de Antifeminismo, alguns tentam restringir os direitos das mulheres, outros defendem que o papel da mulher é ser mãe e dona de casa. Consoante a isso, Mendonça e Moura (2021) explicam o crescimento do Antifeminismo da seguinte forma

após anos de violência acentuada, presença forte de políticas de austeridade e de aprofundamento das desigualdades sociais trazidos com o neoliberalismo, gerou-se insegurança popular e medo. Sentimentos que foram habilidosamente redirecionados para o campo moral, para uma percepção de ameaça a família. Isso quer dizer que a insegurança trazida pela ausência do Estado, pela incerteza de condições objetivas e materiais da vida das pessoas, que o medo da violência, da morte, fome, do desemprego, foram substituídos pela ideia de que tudo isso estaria vinculado a uma ameaça maior – o fim da família. A construção do pânico moral em torno desta ideia foi extremamente bem sucedida em grande parte do mundo e no Brasil de forma ainda mais expressiva, atraindo, inclusive, diversas mulheres (Mendonça; Moura, 2021, p.11).

Na tentativa de preservar um ideal de família instituído pela religião, mulheres se uniram, principalmente no ambiente religioso cristão, para questionar e contrariar os pensamentos propagados pelo Feminismo. Essa movimentação faz-se presente na SD selecionada para análise.

Não falem por mim/nós: dizeres e sentidos

Ao organizarmos a mensagem do vídeo em SD's identificamos grupos temáticos constituídos por dizeres sobre: aborto, Antifeminismo, corpo, maternidade e submissão. Optamos por direcionar nosso gesto de leitura para a SD que diz sobre o corpo feminino: “Não falem por mim, meu corpo é templo de Deus e as regras são Dele”, evocada pela sétima mulher, já que os corpos femininos vêm sendo alvo de diversas formas de violência, silenciamento e controle, resultado de uma herança social machista e patriarcal.

Imagem 03



Fonte: Igreja Povo da Cruz, 2023.

Nessa Sequência Discursiva o corpo é associado ao sagrado, a um ambiente habitado por Deus, não pertencente a própria mulher, mas a esse Ser Superior que é detentor da autoridade e que dita as regras. Ao olharmos para a figura de Deus como aquele que impõe regras morais e de condutas, na perspectiva da Análise de Discurso, “[...] pode-se dizer que Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar para colocar (instituir) uma fala específica” (Orlandi, 1987, p. 10), ou seja, as doutrinas impostas pelos homens nos ambientes religiosos são justificadas por instruções de ordem divina.

As regras em relação ao corpo da mulher retomam, na SD em análise, uma Memória sobre o corpo como resultado de uma ação do Criador (Deus), produzida a imagem e semelhança Dele e na qual o ser humano é figurado como templo (lugar onde Deus habita). Aqui, o Interdiscurso produz efeitos de regulação sobre o corpo feminino a partir do que é sustentado discursivamente em passagens bíblicas, como por exemplo no livro de Timóteo⁴.

Na tentativa de renegar o discurso Feminista, essa SD retoma, ao utilizar a palavra “regras”, o slogan “meu corpo, minhas regras” produzido e propagado pelo Feminismo na tentativa de reivindicar um direito individual das mulheres sobre seus corpos. Ao mesmo tempo, a formulação “Não falem por mim”, tomada como uma ordem dada às Feministas, aponta a posição de não adesão das mulheres dessa Igreja ao que propaga o Movimento Feminista, mas a formulação produz um efeito de renúncia a sua própria voz já que as falas dessas mulheres são sustentadas na voz de Deus, dessa forma, “trata-se de apontar para o fracasso de uma posição subjetiva que não produz discurso, da qual só se espera que corresponda ao que já está designado no discurso do Outro” (Kehl, 2008, p.66).

Para finalizar

Consideramos que nosso gesto analítico nos permitiu perceber, até aqui, que circulam sentidos nos dizeres sobre o corpo feminino constituídos a partir de uma Memória Discursiva sobre Deus, a qual sustenta, via discurso religioso, que o corpo da mulher é pecaminoso, gera engano e destruição. A formulação em análise reproduz a Ideologia que atravessa o discurso religioso e sustenta dizeres sobre o corpo da mulher como não pertencente a ela, pois está debaixo de uma autoridade divina que, aqui na terra, é representada pela figura masculina. Temos aí mais um discurso que aprisiona as mulheres e seus corpos e reproduz traços de violência sustentados na sociedade fundamentalmente patriarcal e machista.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Denise de Souza. **Igrejas de frente com Gabi**: uma análise do discurso religioso midiaticado. 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2017.

⁴ 1 Timóteo 2: 9-10 “Da mesma forma, quero que as mulheres se vistam modestamente, com decência e discrição, não se adornando com tranças e com ouro, nem com pérolas ou com roupas caras, mas com boas obras, como convém a mulheres que declaram adorar a Deus” (Bíblia, 1969).

BÍBLIA. 1 Timóteo. Português. In: **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. Cap. 2, ver. 9-10.

CRUZ, Maria Helena Santana; DIAS, Alfrancio Ferreira. Antifeminismo. **Revista de estudos de cultura**. Nº 01. Jan - Abr/2015. p. 36-42.

IGREJA POVO DA CRUZ. **Um vídeo em repúdio ao movimento feminista**. 27 de março de 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CqS8ILLAKz5/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 23 de junho de 2023.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

MENDONÇA, Amanda; MOURA, Fernanda. **Mais empoderada que eu?** Antifeminismo e desdemocratização no Brasil. *Revista Communitas* V5, Nº9. Jan - Mar/2021. p. 09-32. ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes editores, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PINTO, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.